

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
CENTRO DE ESTUDOS LATINO AMERICANOS SOBRE CULTURA E COMUNICAÇÃO

Hemeroteca do ignoto

as vozes das mulheres nos jornais A família e A
camélia

Caroline Pazini Cavalcante

Maio de 2017

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisito parcial para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura sob orientação do Prof. Dr. Ricardo Alexino Ferreira.

HEMEROTECA DO IGNOTO: AS VOZES DAS MULHERES NOS JORNAIS A FAMÍLIA E A CAMÉLIA ¹

Caroline Pazini Cavalcante²

RESUMO

Durante o século XIX a imprensa feminina começou lentamente a se desenvolver no Brasil e nesta conjuntura, várias mulheres encontram a oportunidade para manifestarem suas vozes. Nesta pesquisa, após se explicar sobre o contexto histórico oitocentista, com foco na cidade de São Paulo e na história das mulheres e sua busca por emancipação, intenta-se verificar o que diziam as mulheres que escreviam nos jornais *A família* e *A camélia*, que foram próximos quanto a localização geográfica e tempo, apesar de serem diferentes em objetivos.

Palavras-chave: Periodismo. Feminismo. Século XIX. Cidade de São Paulo.

ABSTRACT

Through the 19th century, the journalism made by women began to slowly develop in Brazil, and in this context, many women find the opportunity to express their voices. In this research, after explaining the nineteenth-century historical context, focusing on the São Paulo city and in the history of women and their search for emancipation, we try to verify what the women said when they wrote in the newspapers *A família* and *A camélia*, because these newspapers were close as to geographical location and time, although they were different in their proposals.

Key words: Journalism. Feminism. 19th Century. São Paulo city.

RESUMEN

Durante el siglo XIX la prensa femenina lentamente comenzó a desarrollarse en Brasil y en este momento, varias mujeres encuentran la oportunidad de expresar sus voces. En esta investigación, después de explicar sobre el contexto histórico del siglo XIX, centrándose en la ciudad de Sao Paulo y en la historia de las mujeres, junto con su búsqueda de la emancipación, se pretende comprobar lo que decían las mujeres que estaban escribiendo en los periódicos *A família* y *A camélia*, que fueran cerca uno del otro en la cuestión del la ubicación geográfica y el tiempo, aunque en diferentes objetivos.

Palabras clave: Periodismo. Feminismo. Siglo XIX. Ciudad de São Paulo.

¹ Trabalho de conclusão de curso apresentado como condição para obtenção do título de Especialista em “Mídia, informação e cultura”.

² Bibliotecária e pós-graduanda em “Mídia, informação e cultura”.

Introdução

Quando se pensa nas mulheres brasileiras do século XIX, não é incomum que a imagem que se forme é a de uma mulher submissa e sem voz, coberta por rendas e babados. Entretanto, obviamente (e felizmente) nem todas se encaixavam neste padrão e assim, ousaram levantar suas vozes protestando a favor da educação para mulheres e pela emancipação de seu sexo.

Mesmo sob as condições mais adversas, algumas mulheres atreveram-se erguer a pena e escrever durante aquele século. Mas muito do que foi escrito pelas mulheres oitocentistas permanece ignorado pela maioria das pessoas, o que motivou o título deste trabalho: “Hemeroteca do ignoto”, ou seja, uma coleção de periódicos desconhecida³. E é sobre dois jornais redigidos por mulheres na capital paulista do século XIX que este trabalho tratará.

De acordo com Duarte (2016, p. 17-18), apesar do desenvolvimento da imprensa voltada para mulheres no Brasil não ser tão estudado quanto a história da imprensa brasileira em outras temáticas, a trajetória do periodismo feminino brasileiro foi “redescoberta” durante os anos 80, e desde então tendo sido abordado por dezenas de pesquisadoras e ainda fornece inúmeras questões a serem exploradas.

Nesta presente pesquisa se contextualizam as origens da teorização feminismo⁴, a situação das mulheres no Brasil do século XIX e o nascimento da imprensa feminina, focando-se principalmente na província de São Paulo. As metodologias utilizadas foram a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental, com diversas consultas ao acervo de jornais digitalizados do Arquivo do Estado de São Paulo e da Hemeroteca Digital Brasileira, da Fundação Biblioteca Nacional.

Deste modo, apresentam-se quais foram os periódicos voltados às mulheres publicados no Estado, e posteriormente faz-se uma análise dos jornais *A camélia*⁵, e *A família*⁶. Ambos os periódicos possuíam diversas de mulheres em seu corpo editorial, o que permite que sejam

³ *Hemeroteca do ignoto* também é uma referência em homenagem ao romance *A rainha do ignoto*, publicado em 1899 por Emília Freitas.

⁴ Surgido no século XVIII, na Europa.

⁵ Publicado nos anos de 1890 e 1891, contudo, devido a maioria de seus exemplares não terem resistido a ação dos anos, não se pode ter certeza de quando o jornal foi encerrado.

⁶ Publicado em São Paulo nos anos de 1888 e 1889 e mais tarde transferido para o Rio de Janeiro.

comparados em certos pontos, verificando o que diziam as mulheres letradas que viveram na segunda metade do século XIX na cidade de São Paulo.

1 Uma luta que não começou ontem

Atualmente o feminismo está em pauta em diversas plataformas midiáticas, e dentre elas, os periódicos voltados ao público feminino. Contudo, devido à forma como é tratado, às vezes tem-se a impressão de que a reivindicação pelos direitos das mulheres é algo recente, surgida há pouco tempo, ou que é até mesmo uma moda.

De maneira geral, pode-se entender o feminismo “como todo gesto ou ação que resulte em protesto contra a opressão e a discriminação da mulher, ou que exija a ampliação de seus direitos civis e políticos, seja por iniciativa individual, seja de grupo” (DUARTE, 2003, p. 152).

Historicamente, o feminismo é dividido em três grandes *ondas*, caracterizadas pelas “épocas, protagonistas e causas que envolveram” (CAMARGO, 2016, p. 65), e no momento atual, o mesmo pode ser categorizado em diversas vertentes, dentre as quais são mais conhecidas: o feminismo liberal, o feminismo marxista/socialista, o feminismo interseccional, o feminismo negro e o feminismo radical.

Neste trabalho, são apresentados periódicos femininos e feministas publicados no Estado de São Paulo durante o século XIX, e destarte, é necessário sinalizar que o feminismo praticado neste período pode ser incluído na primeira onda, que engloba do final do século XVIII até o início do século XX, sendo caracterizado por clamar pela emancipação feminina e por direitos socioeconômicos, além estar ligado à luta pelo sufrágio universal e ao liberalismo, que atribuía “ao Estado a responsabilidade de assegurar uma igualdade de oportunidades que permite a todos os cidadãos concretizarem o seu potencial” (ÁLVARES, 2005, p. 949).

Nascidas em meados do século XVIII, a inglesa Mary Wollstonecraft⁷ e a francesa Olympe de Gouges⁸ podem ser citadas como pioneiras desta primeira onda do feminismo, além de serem contemporâneas à Revolução Francesa e ao Iluminismo. Se afirma que,

[...] essas duas feministas europeias inauguraram a idade do feminismo como movimento social que emergiu juntamente com os ideais de liberdade, igualdade e fraternidade. Um feminismo que defendia a República laica e a cidadania plena para todos. Um feminismo como movimento de radicalização da democracia. E, para além da esfera dos discursos, um feminismo de sujeitos do próprio desejo, de superação da dependência financeira. (MORAES, 2016, p. 15).

Décadas mais tarde, nascia no Brasil a feminista Nísia Floresta, autora de "Direito das mulheres e injustiça dos homens" (1832), obra que é uma adaptação ao contexto brasileiro das obras de Wollstonecraft e Gouges. Floresta foi uma presença constante na imprensa da época e entendia que enquanto as feministas europeias reivindicavam uma mudança nos moldes da educação ofertada às mulheres, aqui no Brasil, além de clamar por uma educação emancipatória, era necessário pleitear solicitações mais básicas, como a alfabetização das mulheres (DUARTE, 2005).

Ainda que o cenário educacional no Brasil oitocentista apontasse que a grande maioria da população fosse analfabeta, com a chegada da família real em 1808, gradativamente o acesso à educação foi aumentando e a imprensa se desenvolvendo, até que no final da década de 1820, tem-se início a imprensa feminina brasileira.

Apesar do termo *imprensa feminina*, é pertinente ter-se em mente que nem sempre uma publicação voltada para mulheres é feita por mulheres. Segundo Buitoni (1990, p. 16), a “imprensa feminina é aquela dirigida e pensada para mulheres”, e “antes que a autoria feminina protagonizasse os próprios periódicos, alguns homens da imprensa, atentos às novidades e às mudanças de costumes, se apressaram em oferecer jornais destinados às leitoras” (DUARTE, 2016, p. 20).

E mesmo em pleno século XXI não é incomum que revistas ou websites destinados ao público feminino ainda sejam dirigidos por homens⁹, e durante o século XX, conforme

⁷ Autora de “Reivindicação dos direitos da mulher” (1792).

⁸ Autora de “Declaração dos direitos da mulher e da cidadã” (1791).

⁹ O website MdeMulher, que reúne conteúdo das revistas femininas do grupo Abril, por exemplo, é dirigido por um homem, Marcos Franceschi (MDEMULHER, 2016).

reafirma Buitoni (1990, p. 79), os periódicos destinados a este público não foram “concebidos e levados à frente por mulheres, a não ser como exceção”.

Não é exagero afirmar que jornais e revistas possuem, até certo ponto, uma influência sobre os pensamentos de seus leitores. E em uma sociedade patriarcal¹⁰ não é de se espantar que as revistas dedicadas às mulheres, por vezes, reflitam a figura feminina que essa sociedade dominada por homens idealiza.

Mesmo na contemporaneidade, ainda é possível encontrar matérias que orientam suas leitoras a como agradar seu namorado/noivo/marido e se manter dentro dos padrões de beleza vigentes e praticamente inacessíveis (BUITONI, 1990; 2014), apesar de atualmente as mulheres representarem mais de 60% dos jornalistas (BERGAMO; MICK; LIMA, 2013, p. 7), se fazendo presentes no corpo editorial de vários periódicos.

2 Sobre mulheres e papéis no século XIX

Não é novidade afirmar que por raramente figurarem em livros didáticos e enciclopédias, as mulheres dos séculos passados foram relegadas à invisibilidade, e deste modo tem-se a impressão de que elas viveram apenas uma vida reclusa e ociosa ou de escravidão¹¹, quando na verdade “a mulher das camadas sociais diretamente ocupadas na produção de bens e serviços nunca foi alheia ao trabalho. Em todas as épocas e lugares tem ela contribuído para a subsistência de sua família e para criar a riqueza social” (SAFFIOTI, 2013, p. 61), ainda que isso não seja universalmente reconhecido.

No Brasil, apesar de todas as adversidades oriundas da sociedade patriarcal, no início do século XIX “a instalação da Corte [...] e a abertura dos portos aos estrangeiros deram origem a novas atividades femininas. A procura de mestras estrangeiras pelos recém-chegados

¹⁰ Entende-se aqui a sociedade patriarcal como aquela onde ocorre a dominação-exploração por parte dos homens sobre as mulheres (SAFFIOTI, 2015, p. 59).

¹¹ Se entende aqui tanto a escravidão vivida pelas mulheres negras, quanto a escravidão que poderia atingir qualquer mulher em relação ao seu marido ou tutor.

levou alguns locais a abrirem aulas também” (SILVA, 1995, p. 80), e deste modo algumas mulheres tiveram acesso uma educação mais formal.

O século XIX foi no Brasil o século da Independência, da Abolição da Escravidão e da Proclamação da República, e o sexo feminino não estava alienado a estas transformações. Em 1823, por exemplo, um grupo composto por 120 mulheres paraibanas assinou um manifesto em apoio a Independência, e na segunda metade do século diversas ligas de mulheres abolicionistas surgiram em várias províncias, reunindo mulheres negras e brancas, das mais distintas camadas sociais (TELLES, 2015).

As mulheres que se envolviam com estes grupos o faziam porque tiveram acesso à educação e reconheciam que este acesso deveria ser ampliado a todos. Uma destas mulheres foi Josephina Álvares de Azevedo¹², que em seu jornal *A família* comentou a gravidade do número de mulheres que não sabiam ler e escrever no ano de 1885: "de seis milhões de senhoras, cinco milhões trezentas e vinte e cinco mil são analfabetas" (1888a, p. 1)¹³.

A alienação a que eram submetidas ia além do analfabetismo. Era muito comum que muitas mulheres pouco saíssem de casa, e quando iam para espaços públicos, deveriam ir acompanhadas por algum homem da família. O sexo feminino era relegado ao espaço privado, e quando havia a oportunidade de frequentar espaços sociais considerados intermediários entre o público e o privado, como saraus, bailes, teatros e cafés, eram rigidamente vigiadas, cerceadas de sua liberdade e possível independência (D'INCAO, 2015).

Em São Paulo, durante as primeiras décadas do século XIX os costumes eram tão sóbrios que para sair em público as mulheres trajavam-se de preto, cobrindo até mesmo o rosto, ou utilizam capas pesadas, que ocultavam a maior parte de seus vestidos¹⁴. Tais hábitos só foram lentamente sendo deixados de lado com a proibição destes pela Corte, através de leis, e com a modernização da cidade, que começou a se transformar com a economia cafeeira (SCHWARCZ, 1987; CAMARGO, 2008).

¹² Como se pode notar pelo sobrenome, Josephina era prima do famoso poeta romântico Manuel Antônio Álvares de Azevedo, e descendia de uma família privilegiada, ao ponto da jornalista ser recebida em Petrópolis pelo Imperador D. Pedro II. Contudo, pouco se sabe sobre sua vida pessoal (*A FAMÍLIA*, 1889a, p. 2).

¹³ Em 1885, a população brasileira era de 12.920.000 de pessoas (HALLEWELL, 2005, p. 249).

¹⁴ Durante séculos, foi costume das mulheres de São Paulo o uso da mantilha, um traje semelhante a burca e ao nicabe. Dentre as hipóteses para o uso de tal vestimenta se encontra o fato das mulheres desfrutarem de relativa liberdade por não serem reconhecidas ao andarem pelas ruas, esconderem sua condição social, ocultarem marcas de varíola (doença comum na época), além de pessoas mal-intencionadas usarem o anonimato do traje para cometer delitos. Mesmo com diversos decretos proibindo o uso da mantilha, tal vestimenta somente começou a cair em desuso a partir de 1870 (CAMPOS, 2010; CAMARGO, 2008).



Figura 1 - Trajes femininos paulistas de 1825 (Aquarela). Autor: Aimé-Adrien Taunay (1825)¹⁵.

Se antes São Paulo era apenas uma vila pacata e de costumes antiquados, com o passar das décadas foi possível testemunhar o crescimento exponencial de sua população, principalmente a partir da segunda metade do século, em consequência do comércio de café, que trouxe milhares de imigrantes, além de contar com uma porção de pessoas letradas, em muito devido a Faculdade de Direito do Largo São Francisco.

Com o aumento da população, pode-se observar também o crescimento do número de publicações de periódicos na capital paulistana, pois esses jornais, mesmo que tivessem uma vida efêmera e tiragem limitada, foram um meio de comunicação de massa eficaz. O primeiro jornal a surgir em solo paulistano foi *O Paulista*, em 1823, que era feito de modo artesanal e contava com o apoio do governo local (PILAGALLO, 2012, p. 15). Dezesete anos mais tarde, já havia aparecido na cidade 22 jornais, para uma população que em 1836 contabilizava

¹⁵ Fonte: Informativo Arquivo Histórico Municipal. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info27/img/indu30b.jpg>>. Acesso em 25 abr. 2017.

pouco mais de 12 mil habitantes. Já no final do século, em 1890, a população era de quase 65 mil pessoas, e 273 periódicos já haviam circulado (SCHWARCZ, 1987, p. 49, 56-57).

E em todo este contexto, não tardou para que se criasse um nicho de publicações voltadas para o sexo feminino, surgido ainda na primeira metade do século XIX, como se abordará a seguir.

3 A imprensa feminina paulista no século XIX

Ao se adentrar na questão da imprensa feminina de modo geral, verifica-se que o primeiro periódico voltado para mulheres que se tem notícia no mundo é datado de 1693, na Inglaterra, e se chamava *Lady's Mercury* (BUIIONI, 1990, p. 25). Já no Brasil, o primeiro jornal destinado ao público feminino nasceu em 1827 no Rio de Janeiro, sendo este *O Espelho Diamantino*, criado pelo jornalista Pierre Plancher (DUARTE, 2016, p. 39), e ao todo, pelo menos 143 periódicos publicados durante o século XIX no Brasil tinham como público alvo às mulheres.

Tratando-se dos primeiros jornais escritos por mulheres em solo brasileiro, destacam-se: *Verdadeira Mai do Simplicio ou A Infeliz Viúva Peregrina* (1831), de responsabilidade de D. Fortunata Eugênia de Mello, que em sua única edição narrou sua história familiar com o objetivo de conseguir ajuda financeira para si (DUARTE, 2016, p. 58); *Belona Irada Contra os Sectários de Momo* (1833-34), que segundo Muzart (2003, p. 229) “teria sido o primeiro jornal fundado por [uma] mulher no Brasil” que circulou periodicamente, contudo, o mesmo não teve repercussão nacional; *O Jornal das Senhoras* (1852-55), que apesar de ter sido equivocadamente considerado durante muitos anos o primeiro periódico dirigido por uma mulher (Joana Paula Manso de Noronha), ainda se destaca dentre os demais jornais devido a sua ousadia pioneira em trazer pautas sobre a emancipação feminina e ter obtido repercussão nacional (DUARTE, 2016, p. 117-121).

Quando os primeiros jornais e revistas voltados para o público feminino apareceram em solo brasileiro, vários deles traziam em seus títulos os termos “mentor, farol, manual,

despertador ou espelho”, colocando-se como guias para suas leitoras e “revelando a ideologia patriarcal que os dominava” (DUARTE, 2016, p. 21). Estes jornais traziam temáticas variadas, que iam de textos literários às artes, conselhos domésticos, moda, notícias sobre a região, e até mesmo política.

Diversos desses periódicos incentivavam a educação das mulheres, mas nem sempre essa educação era libertadora, e conforme Woolf,

(...) o que é necessário não é apenas a educação. É que as mulheres tenham liberdade de experiência, possam divergir dos homens sem receio e expressar claramente suas diferenças [...]; que todas as atividades mentais sejam incentivadas para que sempre exista um núcleo de mulheres que pensem, inventem, imaginem e criem com a mesma liberdade dos homens e, como eles, não precisem recear o ridículo e a condescendência. (WOOLF, 2016 [1920], p.50-51)

No Estado de São Paulo, durante os oitocentos, circularam ao menos 14 periódicos voltados para as mulheres, sendo eles: *Manual das brasileiras* (1830), *A violeta* (1848), *A sensitiva* (1881), *A violeta* (1887), *A família* (1888-1894), *Jornal das damas* (1890), *A camélia* (1890), *A mensageira* (1897-1900), *Cecy* (1898), *O amor* (1898), *Álbum das meninas* (1898-1901), *Ave Maria* (1898), *O ramilhete* (1898-1901) e *A pérola* (1899) (DUARTE, 2016, p.31-35).

A publicação dos periódicos femininos paulistas se concentra principalmente nas duas últimas décadas do século XIX, e é neste período que

a imprensa feita por mulheres contemplou iniciativas de ordem vária, abrindo espaço para a voz feminina, manifesta em vários diapasões, dimensões e discursos. Cultivaram a *Rainha do Lar* mas trouxeram à baila as reivindicações do gênero, reprovando a dominação masculina, propagando o divórcio, o sufrágio feminino e na esteira desse, o movimento feminista. (MARTINS, 2001, p. 373)

Surgido em 1830, o primeiro periódico paulista destinado às mulheres foi o *Manual das Brasileiras*. O jornal defendia o direito das mulheres à educação, contanto que esta fosse voltada para a maternidade, reforçando que o sexo feminino estava destinado apenas as funções de mãe e esposa. Infelizmente existem apenas referências sobre este jornal em outros periódicos da mesma época e ao que tudo indica, o mesmo não era editado por mulheres (DUARTE, 2016).

Encontrar uma postura conservadora dentro destes jornais é muito comum e condiz com a sociedade da época. Destarte, não raramente os títulos destes irão remeter a questão da suposta fragilidade e dependência feminina.

Dentre os jornais e revistas paulistas anteriormente citados, nove se encontram digitalizados por instituições como o Arquivo do Estado de São Paulo e a Biblioteca Nacional, sendo eles: *A violeta: dames et fleurs*, *A sensitiva*, *A violeta: folha litteraria dedicada ao bello sexo*, *A família*, *A camélia*, *A mensageira*, *Álbum das meninas*, *O ramilhete* e *A pérola*. A seguir, eles serão brevemente apresentados em ordem cronológica.

O jornal *A violeta: dames et fleurs* (1848) era um pequeno periódico literário que assim se descrevia:

O nosso fim, com a publicação deste jornalzinho não é alardearmos de escritores públicos — que para tanto não somos ousados - o nosso fim é inocente e profícuo: - é levar, senão ideias e conhecimentos no menos o gosto das letras as nossas patrícias, que bem merecem, que delas e do desenvolvimento da sua inteligência nos ocupemos, e por isso e movidos somente por esse desejo empreendemos a publicação da Violeta. (A VIOLETA, 1848, p. 1)

Ainda que o jornal afirme incentivar o desenvolvimento da inteligência de suas leitoras, há de se considerar que o mesmo possui um caráter conservador e em sua 7ª edição (A VIOLETA, 1848, p. 2) compara o sexo feminino a diversas flores, exaltando a questão da fragilidade, pureza, a necessidade de cuidados e resguardos, o que está em sincronia com o pensamento de muitos homens da época, de que a educação feminina deve ter como finalidade a preparação da mulher para as funções de esposa e mãe, além de não envergonhar o marido com sua possível falta de conhecimento.

Publicado em 1881, talvez o jornal *A sensitiva* possa ser considerado o primeiro periódico feminista publicado no Estado de São Paulo. Além de defender explicitamente os direitos das mulheres, o mesmo ainda trazia denúncias de violências praticadas por homens da região de Batatais e homenagens a mulheres da localidade que haviam feito algo significativo para a região.

Em sua 3ª edição, datada de 28 de junho de 1881, o jornal traz o artigo "Os direitos da mulher", onde afirma-se:

A emancipação da mulher além de ser um direito natural é um direito Divino. (...) E não só na Europa se nota o desenvolvimento extraordinário na educação superior da mulher, na América e no próprio torrão de Santa-Cruz há já doutoras em medicina, em direito e em ciências naturais. Caminhemos, pois, sem aparato, sem ruído e provemos aos que a todo transe e por todos os meios nos negam a capacidade intelectual, que eles é quem não tem razão de existir porque só representam o sofisma herdado dos séculos obscurantistas. (A SENSITIVA, 1881, p. 1).

Ao declarar que os direitos das mulheres “são divinos”, a autora que assina somente com sua inicial, está em consonância com Wollstonecraft (2016 [1792], p. 34), que sobre o mesmo assunto argumenta que baseia sua “crença na perfeição de Deus”. Não é raro que as feministas destes séculos recorressem à religião para afirmar que os direitos das mulheres deveriam ser respeitados, levando-se em consideração que o poder exercido pelas igrejas na época era ainda mais influente do que é hoje.

Também é interessante notar como a autora anônima infere que a situação da mulher em outros países era muito melhor do que a situação da mulher brasileira, e utiliza isto como argumento para defender seus direitos à educação e cidadania.

A violeta: folha litteraria dedicada ao bello sexo (1887) é um jornal que em sua apresentação deixa implícito que possui mulheres em sua confecção, e que é favorável a defesa dos direitos das mulheres:

A Violeta é toda dedicada às senhoras, moças e velhas, feias e bonitas, a todas enfim, enfim — ao belo sexo. [...] Assim, pois, a nossa Violeta, que será humilde, modesta e despreziosa como a sua homônima do mundo vegetal tem por mira defender sempre os direitos contestados d'esse bichinho travesso o invencível, que por ironia os homens chamam do fraco, mas que em realidade é a criação mais imponente, mais vigorosa e forte que a natureza criou: — a mulher. (A VIOLETA, 1887, p. 1).

Entretanto, em outros dois textos, *A mulher* (A VIOLETA, 1887, p. 1) e *As mulheres: sobre uma página* (A VIOLETA, 1887, p. 2), existe uma idealização da figura feminina que é prejudicial às próprias mulheres, além de um reforço da imagem do sexo feminino como frágil e carente de cuidados.

Junto com a revista *A mensageira* (1897-1900), o jornal *A família: jornal litterario dedicado à educação da mãe de família* (1888-1894), talvez seja um dos mais interessantes e pertinentes periódicos femininos do século XIX. Comandando por Josephina Álvares de

Azevedo, o jornal começou a circular em 1888, tendo surgido na cidade de São Paulo e mais tarde mudando-se para o Rio de Janeiro.

Contando com diversas colaboradoras, o jornal pretendia conscientizar as mulheres que eram mães, de seu importante papel na sociedade, além de colaborar com a instrução destas. Por conseguinte, não foi preciso muito tempo para que ficasse claro o quão feminista era o periódico, que defendeu fortemente a emancipação e o sufrágio feminino, além de criticar abertamente a postura machista e conservadora de vários homens da época (DUARTE, 2016, p. 313-319).

O jornal *A camélia: orgam da sociedade Noite Recreativas: dedicado as exmas. famílias* (1890) foi um periódico que iniciou sua circulação em 1890 e que como o próprio nome revela, voltava-se a um pequeno clube que promovia bailes. No conteúdo do jornal podem-se encontrar textos literários (a maioria voltado para a temática do amor), a programação dos bailes, charadas e notas sobre acontecimentos daquela sociedade. Destaca-se o fato de seis mulheres assinarem a colaboração ao jornal.

Criado em 1897 por Presciliana Duarte de Almeida, a revista *A mensageira* possuía um discurso sutil e discreto, para assim conseguir adentrar nos lares oitocentistas e lá já instalada, introduzir posicionamentos feministas a partir de artigos redigidos por mulheres ao lado de outros textos diversos escritos por homens, revelando "a admissão indireta de igualdade entre os sexos no tocante à produção literária" (MARTINS, 2001, p. 374). A revista ainda possuía em seu quadro de colaboradoras inúmeras escritoras, dentre elas, Anália Franco e Júlia Lopes de Almeida.

Anália Franco, educadora e filantropa, também comandou uma publicação no final do século XIX, o periódico *Álbum das meninas: revista literária e educativa* (1898), que defendia o direito das mulheres à educação, contudo era marcado fortemente por um discurso religioso, conservador e moralista (MARTINS, 2001, p. 375).

Iniciado em 1898, o jornal *O ramilhete: órgão dedicado ao bello sexo*, como tantos outros, foi dirigido por homens, reforçando o discurso de fragilidade e submissão do sexo feminino, comparando mulheres a flores. No exemplar v. 4, n. 4, um dos autores afirma "sê sempre pura, dócil e singela" (O RAMILHETE, 1901, p. 3), não deixando dúvidas quanto ao caráter retrógrado da publicação.

O jornal *A pérola*, publicado em 1899, apesar de ser voltado para o público feminino, possuía em seu corpo editorial, apenas homens. Assim como diversos periódicos da época, seu conteúdo intercalava contos e poemas, todos com temas muito amenos, considerados “adequados” a leitura feminina.

4 As vozes femininas na *A família* e na *A camélia*

Ao investigar os primórdios da luta pela emancipação feminina no Brasil, deve-se ter consciência do contexto histórico em que a mesma surgiu. Enquanto que na Europa do final do século XVIII Mary Wollstonecraft e Olympe de Gouges introduziam um feminismo a partir de ideias iluministas, o Brasil ainda se encontrava em estado de colônia escravagista.

Uma das primeiras feministas brasileiras, Nísia Floresta, nasceu em uma família privilegiada e deste modo teve uma educação diferenciada, com inúmeras viagens à Europa, o que possibilitou seu contato com o feminismo lá existente, que por consequência trouxe para o Brasil ainda na primeira metade do século XIX.

Mary, Olympe e Nísia viveram em contextos distintos, mas como afirma Moraes (2016, p. 15), as três advogavam por um feminismo que defendia “um mesmo projeto de emancipação das mulheres que deve começar pelo acesso à educação e pela inclusão na vida pública”, além de reivindicar que o conceito de cidadania e o reconhecimento de direitos fossem estendidos ao sexo feminino.

É possível verificar a militância pela emancipação feminina em vários periódicos voltados para as mulheres no século XIX. E não coincidentemente eles surgiram após a publicação de *Direito das mulheres e injustiça dos homens*¹⁶ e diversos deles também emergiram no mesmo contexto no qual ocorreram a abolição da escravidão e a proclamação da República. Como exemplos destes jornais, podem ser citados os paulistas *A sensitiva*, *A família* e *A mensageira*.

¹⁶ Conforme já afirmado, de autoria de Nísia Floresta, 1832.

A seguir se apresenta uma análise dos jornais *A família* e *A camélia*, que como já afirmado, destacam-se por possuírem várias mulheres como redatoras, além de serem abertos a novas colaborações femininas, trazerem textos literários, pequenos artigos sobre acontecimentos culturais da cidade, aforismos e serem destinados, primeiramente, às mulheres e, subsequentemente, suas respectivas famílias. Contudo, nota-se que possuíam propósitos distintos, e em certos momentos, até mesmo contrários, pois enquanto um geralmente buscava conscientizar, o outro buscava comumente entreter.

É necessário e justo dizer que do jornal *A camélia*, somente dois exemplares sobreviveram ao tempo, datados de 11 de outubro de 1890, e 18 de abril de 1891. Quanto ao *A família*, podem ser encontrados 139 exemplares digitalizados pela Biblioteca Nacional, do total de 177 publicados ao longo de seis anos¹⁷. Foram utilizadas para este trabalho as 23 primeiras edições deste periódico, referentes aos meses nos quais o mesmo foi publicado na província de São Paulo, mantendo assim o foco da pesquisa. Posteriormente o jornal se transferiu para o Rio de Janeiro.

Estreando em 18 de novembro de 1888, o jornal *A família* imediatamente diz a que veio: incentivar a educação da “mãe de família”, pois segundo Josephina Álvares de Azevedo, as mães são os pilares da família e da sociedade e sendo uma matriarca educada, seus filhos também o serão, o que culminara em uma sociedade mais evoluída. E apesar de valorizar em muito a educação da mãe, o jornal não defende apenas a educação para a maternidade, mas sim para a emancipação feminina, englobando questões de trabalho e cidadania.

Anália Franco (1889, p. 3), colaboradora frequente, afirma que por diversas vezes as ideias sobre a educação das mulheres podem parecer confusas, mas que nem por isto deixam de revelar a “convicção e fé profunda na eficácia da educação”, eficácia que, segundo Azevedo (1888b, p. 1; 1889b, p. 1), se traduz na emancipação feminina e na igualdade de direitos, que beneficiaria homens e mulheres.

¹⁷ Duarte (2016, p. 313) afirma que o jornal foi publicado até o ano de 1897, e Oliveira (2009, p. 5) relata que o jornal encerrou suas atividades em 1898, porém, só foram encontrados exemplares até o ano de 1894.

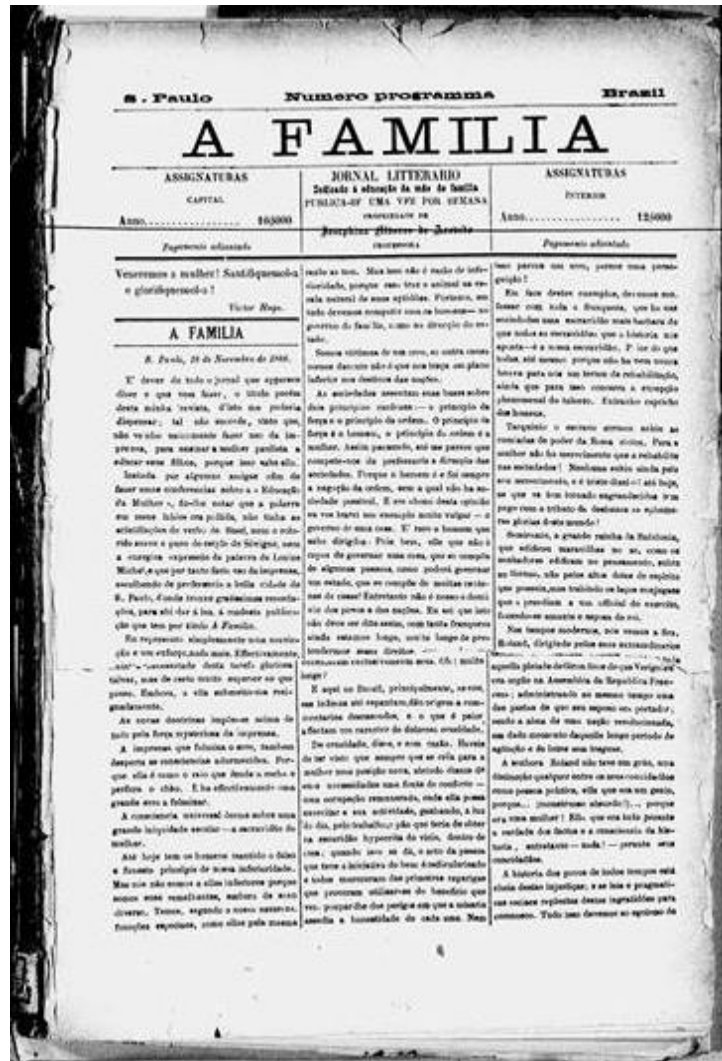


Figura 2 - Primeira página do jornal *A Família*, exemplar do dia 18 de novembro de 1888 (Reprodução)¹⁸.

Logo em sua primeira edição, o jornal convoca as mulheres a se reunirem e formarem associações para lutarem pelos seus direitos e transformar a sociedade e de modo muito sarcástico, uma de suas colaboradoras afirma:

Na Irlanda existe uma grande associação de senhoras, dirigida por Anna Parnell, a qual tem por fim trabalhar pela autonomia irlandesa de acordo com a Liga Agrária. No Brasil, existe uma sociedade de dança, dirigida por senhoras. Sempre é alguma coisa! (BERNIER, 1888, p. 8)

Eis que o jornal *A camélia*, feito exclusivamente por senhoras, coincidentemente ou não, pertence a uma sociedade chamada *Noites Recreativas*, cuja finalidade era promover bailes. Não seria de se espantar que a sociedade a qual a senhora Bernier se refere é a mesma que mais tarde irá publicar *A camélia*, pois ambos os jornais eram impressos no mesmo bairro paulistano, a Sé.



Figura 3 - Primeira página do jornal *A camélia*, exemplar do dia 10 de outubro de 1890 (Reprodução)¹⁹.

Ao refletir sobre essa crítica, é de se considerar também que os salões de bailes podem ser tomados como espaços intermediários entre o lar e a rua, ou seja, entre o espaço privado e o público. E não há perplexidade alguma em verificar-se que várias mulheres ingenuamente acreditassem que possuíam certa 'liberdade' nestes espaços, contudo, como afirma Schwarzc (1987, p. 228), nestes lugares "não só o marido ou o pai vigiavam seus passos, sua conduta

¹⁹ Fonte: Arquivo Público do Estado de São Paulo. Disponível em <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas>. Acesso em: 04 dez. 2016.

era também submetida aos olhares atentos da sociedade". Ou seja, essas mulheres estariam se esforçando para, no final, serem julgadas.

E não somente a senhora Bernier irá criticar os bailes no jornal *A família*, mas também a senhora Julieta Monteiro. No quarto exemplar do jornal, Monteiro publica um poema chamado "O estudo"²⁰, onde tece comentários duros sobre os bailes e as salas festivas em prol dos estudos, que segundo ela, é a única maneira de se encontrar a "luz". O poema poderia parecer emancipador, mas termina com termos como "singelas donzelas" e "meigas virgens", muito comuns em jornais mais tradicionais da época.

Essa dualidade não será incomum nos primeiros exemplares do jornal, e também não deixará de ser criticada no mesmo. Por possuir muitas vozes, às vezes as colaboradoras discordam entre si sobre diversos assuntos de maneira pública. No exemplar de 29 de dezembro de 1888, é publicada uma citação do escritor francês Arsène Houssaye, que afirma existirem dois tipos de mulheres, as de satanás e as divinas, sem nenhuma análise do mesmo. Mais tarde, Azevedo (1889c, p. 1) irá criticar essa categorização das mulheres em dois tipos nas obras de Alexandre Dumas, afirmando, "este grande escritor, que com a sua poderosa pena, tanto poderia ter feito pela nossa emancipação, tem sido um verdadeiro algoz das pessoas do nosso sexo".

Josephina Álvares de Azevedo (1889c, p. 1), da mesma forma, tem consciência que existem também dois tipos de educação para as mulheres e que uma delas é muito danosa, pois somente tinha como objetivo "preparar a mulher para ornamento de sala, ensinar-lhe duas ou três ciências superficialmente, desenvolver o gosto pelas modas e pelo luxo, e depois... depois... a escravidão dourada de todos os tempos", enquanto que a outra podia ser libertadora e colaborar para que as mulheres alcancem sua independência.

De modo geral, para as colaboradoras do jornal *A família*, o conceito de emancipação está ligado a ideia de liberdade, sendo interessante lembrar que o periódico foi lançado poucos meses após a abolição da escravatura, quando o país vivia um momento de diversas mudanças, que conferiu às autoras a esperança de que o papel da mulher na sociedade também pudesse se modificar.

Durante o século XIX, pouquíssimas mulheres eram alfabetizadas no Brasil, destas, a maioria pertencia à camada mais privilegiada da sociedade, contudo, mesmo pertencendo a

²⁰ É no estudo apurado das Letras/ Que a mulher procurar deve a luz,/ Não nos bailes, nas salas festivas,/ Onde a louca vaidade transluz./ Estudar é buscar um futuro/ Nobre, santo, querido por Deus;/ Estudada é buscar no trabalho/ Desvendar das ciências os véus./ Estudai, pois, oh flores singelas,/ Meigas virgens que em trevas viveis;/ Que áureo prêmio de vossos trabalhos,/ No saber muito breve achareis. (MONTEIRO, 22 dez. 1888, p. 5)

classe econômica mais abastada, as redatoras do *A família* almejavam que a emancipação da mulher chegasse a todas as camadas da sociedade:

Aspiramos, porém, que toda a mulher, sem privilégio de classes, consagre as letras, advogue seus direitos incontestáveis - emancipe-se - fuja as tredas²¹ noites da ignorância, que a condenam ao perpétuo ostracismo do templo luminoso de Minerva, para surgir radiante na esplendida alvorada de porvir!... (CAVALCANTI FILHA, 1888, p. 2).

A questão da educação e emancipação das mulheres sem distinção de classes sociais vai além. As colaboradoras entendem que a manutenção da ignorância do povo corrobora para a preservação dos preconceitos das mais diversas ordens e para o aumento da desigualdade social (MELLO, 1889, p. 8; LOPES, 1889, p.8). Reprova-se também a atitude das pessoas mais abastadas do país que muito se queixavam da suposta indolência de seus serviçais. Para Carvalho (1889, p. 2-3), a culpa disto vem "de cima", dos próprios ricos, que deveriam reparar suas ações negativas.

Mostrando-se ainda mais singular dentre as publicações brasileiras da época, o jornal *A família* traz um artigo em prol do povo cigano, exaltando-o e denunciando os preconceitos que estes enfrentavam (TORREZÃO, 1889, p. 6), e em outro exemplar publicado no mesmo mês, reproduz a poesia *Depois do baile* da escritora portuguesa Alice Moderno²² (1889, p. 6), que possui versos claramente homossexuais²³.

Azevedo demonstra saber que o jornal não agrada a todos e até mesmo queixa-se que muitas senhoras não entendem seu jornal, que várias pessoas o olham com indiferença e até mesmo o criticam. Segundo Souto-Maior (1995, p. 91), o periódico "parece não ter sido tão popular entre as mulheres em geral como" Josephina almejava.

Contudo, Azevedo não se intimida diante destes fatos e mantém na última página do jornal uma coluna chamada *Como nos tratam*, onde publica os comentários que outros jornais fazem sobre o seu periódico.

²¹ Treda, segundo o dicionário Michaelis (2017), aquele "capaz de usar de traição".

²² Alice Moderno (1867-1946) era lésbica e viveu durante 40 anos com Maria Evelina de Sousa (FLORES, 2016, p. 91).

²³ Caprichos vãos, e sonhos mil e mil,/ Rápidos, leves, como a leve aragem!.../ Queres uns versos, dominó gentil,/ Em que eu retrate tua doce imagem?!/ Queres uns versos?... Se te não conheço!/ Mas imagino o que tu deves ser./ Eu quero ver-te, novamente, peço,/ Quero o teu rosto sem viseira ver./ Eu quero ver-te, deves ser formosa,/ Qual uma flor das regiões do sul!/ Deves ser linda como é linda a rosa,/ Eu quero ver-te, dominó azul./ Eu quero ver-te. Deve o rosto teu,/ Ter a expressão d'um juvenil pensar,/ Devem teus olhos ser da cor do céu./ Ou então negros, d'um feliz cismar./ Eis pois os versos; eu t'os ofereço/ São pobres cardos d'inverno paul,/ Em recompensa, novamente peço,/ Dize quem és, ó dominó azul.

Dentre os comentários que discordam do jornal de Josephina, mostrando uma postura conservadora, sobressai-se o feito pelo jornal *Província de S. Paulo*²⁴:

Permita-nos, porém, que humildemente lhe digamos que a mulher para ser venerada, glorificada e sobretudo santificada não deve competir com o homem na direção do Estado e em muitas coisas mais, como V. Exc. sustenta e quer (PROVÍNCIA DE S. PAULO, apud, A FAMÍLIA, 1888, p. 8).

Não raramente, diversos jornais que receberam exemplares do *A família* demonstram que não o leram, pois o chamam de "ameno" ou "mimoso", adjetivos que melhor descreveriam o jornal *A camélia*, que mesmo sendo redigido por seis mulheres, não traz nenhum tema ligado a emancipação feminina ou reflexões sobre os problemas da época.

Tendo em seu corpo editorial as senhoras Maria Augusta Gonçalves, Flávia Augusta de Meirelles, Maria Emília de Oliveira, Adelaide Nunes, Maria Cândida de Barros e Carlota Maria Lang, o *A camélia* traz textos que versam sobre o amor, exaltando o casamento e a formação da família e condenando as pessoas que envelhecem solitárias, porque escolheram não se casar.

Quanto aos estudos, a única menção destes é em um artigo nomeado *Um passeio à Ponte-grande*, onde uma jovem, oculta sob um pseudônimo, relata ter ido fazer suas lições após um passeio no rio Tietê, onde observou:

[...] pequenas embarcações de trabalho e recreio, conduzindo umas, estudantes que com o vagar das ondas formadas pela agitação do vento, discutiam as lições. Outras, vários moços que iam a pesca. Eu observava este agradável panorama! E de tanto o observar, conclui que todos necessitam da instrução para o alimento de seu espírito. Sendo assim, deixei esse agradável passatempo. Fui para casa e estudei as lições do dia seguinte com imenso prazer. (A CAMÉLIA, 1890, p. 3).

Outra diferença entre *A camélia* e *A família* é que as colaboradoras do primeiro, apesar de assinarem seus nomes na edição, escondem-se sob pseudônimos nos artigos. Já em *A família*, as redatoras não se ocultam para escrever sobre os mais variados temas. Dentre algumas de suas inúmeras colaboradoras do período no qual o jornal foi publicado em São Paulo, podem-se citar Dra. Isabel de Mattos Dillou, Anália Franco, Maria Zalina Rolim, Adélia Barros, Julieta Monteiro, Felicidade Macedo, Luiza Cavalcanti Filha, Revocata de Mello, Maria A. Vaz de Carvalho, Guiomar Torrezão e a escritora Júlia Lopes de Almeida, que curiosamente, assinava seus textos com o nome de solteira, mesmo sendo casada desde 1887 com jornalista republicano Francisco Filinto de Almeida (GONÇALVES, 2004, p. 41).

²⁴ Posteriormente, o jornal "Província de S. Paulo" passou a se chamar "O Estado de S. Paulo".

Mas não era apenas de artigos engajados sobre emancipação e educação que se constituía o jornal *A família*. Entre suas oito páginas por edição era possível encontrar textos literários, receitas culinárias e conselhos para a vida doméstica, piadas e novidades quanto às atividades culturais ocorridas na capital paulista, assuntos comuns aos periódicos destinados às mulheres da época.

E é honesto afirmar que nem todos os textos publicados em *A família* estavam de acordo com as concepções feministas de Josephina Álvares de Azevedo. Entretanto, como afirma Souto (2015, p. 101), possivelmente para Azevedo "era mais importante que a mulher praticasse a escrita e expressasse seus pensamentos ao público, do que concordar com todas as suas convicções. Afinal, a redatora foi enfática nessa ideia ao longo de seus escritos".

Considerações finais

É inegável que *A família* e *A camélia* sejam jornais muito distintos entre si, da mesma maneira que é evidente afirmar que ambos deram vozes a dezenas de mulheres oitocentistas, em um período no qual a cidadania era sumariamente negada ao sexo feminino.

Em uma época de grandes mudanças no Brasil do século XIX, não restam dúvidas de que muitas mulheres tiveram esperança que a condição social feminina se modificasse também, e Josephina Álvares de Azevedo foi uma delas, utilizando todo o seu repertório de leituras em prol da emancipação feminina, no qual se encontravam as mesmas ideias feministas de Nísia Floresta.

Floresta (2005 [1859], p. 118) esclarece que a educação que uma mulher deve receber é aquela com coisas úteis e inspiradoras, que a emancipe, que a liberte das frivolidades impostas através da criação que muitas vezes lhe é conferida, e que possui resultados nefastos, condenando-a a uma vida de servidão aos caprichos masculinos sem se dar conta disto.

Ambas as autoras, e diversas colaboradoras do jornal *A família*, partilhavam a ideia de que deveria haver uma igualdade entre os sexos, na qual a mulher deveria “progredir com o século XIX, ao lado do homem, rumo à regeneração dos povos” (FLORESTA, 2005 [1859], p. 118), não se acomodar a situação na qual se encontrava.

Já o jornal *A camélia*, mesmo dando vozes a diversas mulheres, como tantos outros jornais com nomes de flores ou de objetos ligados ao universo da beleza, concedia-lhes apenas uma voz tímida, que não clamava por mudanças para o sexo feminino e às vezes somente colaborava para a manutenção da opressão sobre o mesmo. Entretanto, este era o resultado esperado quando uma mulher não recebia educação, ou quando a recebia, essa era voltada apenas para aprender a ler, escrever (de modo precário) e para prendas domésticas.

Josephina tinha bem claro nos objetivos de seu jornal a necessidade da emancipação feminina e sabia que para isso seria imperioso que cada vez mais mulheres tomassem consciência da situação injusta em que se encontravam, que tivessem acesso a uma educação libertadora, que se reunissem e debatessem o assunto, ou seja, que tivessem voz. E quando se observa que este jornal publicou mulheres de diversas regiões do Brasil e até mesmo estrangeiras, conseguindo alcançar inúmeras leitoras durante os vários anos de sua existência, constata-se que mesmo que o sexo feminino não tenha se emancipado naquele momento, o jornal *A família* foi sem dúvida um importante instrumento para a luta feminista no Brasil dos oitocentos.

Referências bibliográficas

A CAMÉLIA: organ da sociedade Noites Recreativas. São Paulo, 11 out. 1890.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas>. Acesso em: 04 dez. 2016

A FAMÍLIA: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família. São Paulo, ano 1, n. 1-23, 1888-1889. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>.

Acesso em: 11 fev. 2017.

ÁLVARES, Cláudia. Feminismo e representação discursiva do feminino: a presença do outro na teoria e na prática. In: IV Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação. 2005, Aveiro. **Livro de Actas do 4º SOPCOM.** Aveiro: Universidade de Aveiro, 2005, p. 947-956.

A PÉROLA: Folha litteraria bi-mensal dedicada ao bello sexo. São Paulo, 18 ago. 1899.

Disponível em:

<http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas>. Acesso em: 04 dez. 2016

A SENSITIVA. Batatais, 18 jun. 1881. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>>. Acesso em: 04 dez. 2016.

AZEVEDO, Josephina Álvares de. A família. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família.** São Paulo, ano 1, n. 2, p. 1. 8 dez. 1888b. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>.

Acesso em: 11 fev. 2017.

_____. A família. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família.** São Paulo, ano 1, n. 4, p. 1. 22 dez. 1888a. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>.

Acesso em: 11 fev. 2017.

_____. A família. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família.** São Paulo, ano 1, n. 13, p. 1. 23 fev. 1889c. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>.

Acesso em: 11 fev. 2017.

_____. A família. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família.** São Paulo, ano 1, n. 18, p. 1. 30 mar. 1889b. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>.

Acesso em: 11 fev. 2017.

_____. De S. Paulo a Petropolis. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família.** São Paulo, ano 1, n. 13, p. 2. 23 fev. 1889a. Disponível em:

<<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **Imprensa Feminina**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1990. 96 p.

_____. Revistas femininas: ainda somos as mesmas, como nossas mães. **Revista Comunicare**: dossiê feminismo, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 36-46, 1º sem. 2014. Disponível em: <<http://casperlibero.edu.br/wp-content/uploads/2015/08/Revistas-femininas-ainda-somos-as-mesmas-como-nossas-mães.pdf>>. Acesso em: 14 set. 2016.

BERGAMO, Alexandre; MICK, Jacques; LIMA, Samuel. **Quem é o jornalista brasileiro**: perfil da profissão no país. Florianópolis: Programa de Pós-graduação em Sociologia Política da Ufsc, 2013. 77 slides, color. Disponível em: <<http://perfildojornalista.ufsc.br/files/2013/04/Perfil-do-jornalista-brasileiro-Sintese.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

CAMARGO, Alice Vasques de. **Representação social da mulher e interdiscurso em editoriais da revista Tpm**. 2016. 219 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8142/tde-06122016-123339/pt-br.php>>. Acesso em: 12 fev. 2017.

CAMARGO, Luís Soares de. Dom João VI e o cotidiano das mulheres em São Paulo: um reflexo na moda. **Informativo Arquivo Histórico de São Paulo**, São Paulo, v. 3, n. 17, mar./abr. 2008. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info17/i-manu.htm>>. Acesso em 28 fev. 2017.

CAMPOS, Eudes. Pequena contribuição para o estudo da indumentária dos primeiros paulistanos. **Informativo Arquivo Histórico de São Paulo**, São Paulo, v. 5, n. 27, out. 2010. Disponível em: <<http://www.arquiamigos.org.br/info/info27/i-estudos2.htm>>. Acesso em 28 fev. 2017.

CARVALHO, Maria A. Vaz de. Criados e amos. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família**. São Paulo, ano 1, n. 9, p. 2-3. 26 jan. 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

CAVALCANTI FILHA, Luiza. Tratemos de nós. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe e família**. São Paulo, p. 1-2. 8 dez. 1888. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

DUARTE, Constância Lima. Feminismo e literatura no Brasil. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 17, n. 49, p.151-172, set. 2003. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142003000300010>. Acesso em: 04 set. 2016.

_____. **Imprensa feminina e feminista no Brasil**: século XIX: dicionário ilustrado. Belo Horizonte: Autêntica, 2016. 415 p.

_____. **Nísia Floresta**: a primeira feminista do Brasil. Florianópolis: Mulheres, 2005. 144 p.

FLORES, Conceição. Alice Moderno: o exercício das letras e da cidadania. **Revista de Escritoras Ibéricas**, Madrid, v. 4, p.75-96, dez. 2016. UNED - Universidad Nacional de Educacion a Distancia. <http://dx.doi.org/10.5944/rei.vol.4.2016.16988>. Disponível em: <<http://revistas.uned.es/index.php/REI/article/view/16988>>. Acesso em: 25 fev. 2017.

FLORESTA, Nísia. Cintilações de uma alma brasileira. In: DUARTE, Constância. **Nísia Floresta: a primeira feminista do Brasil**. Florianópolis: Mulheres, 2005 [1859]. p. 98-143.

FRANCO, Anália. Educação feminina. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família**. São Paulo, ano 1, n. 8, p. 3. 19 jan. 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

GONÇALVES, Diana Vidal. Julia Lopes de Almeida e a educação brasileira no fim do século XIX: um estudo sobre o livro escolar Contos infantis. **Revista Portuguesa de Educação**, Minho, v. 17, n. 1, p. 29-45, 2004. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/pdf/374/37417103.pdf>>. Acesso em 26 fev. 2017

HALLEWELL, Laurence. **O livro no Brasil: sua história**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 2005. 816 p.

LOPES, Júlia. Os pobres. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família**. São Paulo, ano 1, n. 7, p. 7-8. 12 jan. 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MARTINS, Ana Luiza. **Revistas em revista: imprensa e práticas culturais em tempos de República**, São Paulo (1890-1922). São Paulo: EDUSP, 2001. 593 p.

MDEMULHER (São Paulo). **Expediente**. 2016. Disponível em: <<http://mdemulher.abril.com.br/expediente/>>. Acesso em: 10 out. 2016.

MELLO, Revocata de. A educação dos povos. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família**. São Paulo, ano 1, n. 6, p. 1-2. 5 jan. 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MODERNO, Alice. Depois do baile. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família**. São Paulo, ano 1, n. 17, p. 6. 23 mar. 1889. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MONTEIRO, Julieta. O estudo. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família**. São Paulo, ano 1, n. 4, p. 5. 22 dez. 1888. Disponível em: <<http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>>. Acesso em: 11 fev. 2017.

MORAES, Maria Lygia Quartim de. Prefácio. In: WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reinvindicação dos direitos da mulher**. São Paulo: Boitempo, 2016. p. 7-16.

MUZART, Zahidé Lupinacci. Uma espiada na imprensa das mulheres no século XIX. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 1, n. 11, p.225-233, jan. 2003. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2003000100013>>. Acesso em: 09 abr. 2017.

OLIVEIRA, Karine da Rocha. **Josefina Álvares de Azevedo: a voz feminina no século XIX** através das páginas do jornal A Família. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 2009. 74 p. Disponível em: <<https://www.bn.gov.br/producao-intelectual/documentos/josefina-alvares-azevedo-voz-feminina-seculo-xix>>. Acesso em: 22 set. 2016.

O RAMILHETE: órgão dedicado ao bello sexo. São Paulo, ano IV, n. 4, 26 mai. 1901. Disponível em: <http://www.arquivoestado.sp.gov.br/site/acervo/repositorio_digital/jornais_revistas>. Acesso em: 04 dez. 2016

PILLAGALLO, Oscar. **História da imprensa paulista: jornalismo e poder de D. Pedro I a Dilma.** São Paulo: Três Estrelas, 2012. 368 p.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. **A mulher na sociedade de classes: mito e realidade.** 3. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013. 528 p.

SCHWARCZ, L. M. **Retrato em branco e negro: jornais, escravos e cidadãos em São Paulo no final do século XIX.** São Paulo: Companhia das Letras, 1987. 284 p.

SILVA, Maria Beatriz Nizza da. Mulheres brancas no fim do período colonial. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 4, p.75-96, 1995. Disponível em: <www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?down=50919>. Acesso em: 02 nov. 2016.

SOUTO, Bárbara Figueiredo. **Senhoras do seu destino: Francisca Senhorinha da Motta Diniz e Josephina Alvares de Azevedo: projetos de emancipação feminista na imprensa brasileira (1873-1894).** 2013. 197 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-17122013-125852/pt-br.php>>. Acesso em: 22 abr. 2017.

SOUTO-MAIOR, Valéria Andrade. **O florete e a máscara: Josephina Álvares de Azevedo, dramaturga do século XIX.** 1995. 241 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1995. Disponível em: <<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/76228/102461.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 22 abr. 2017

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary del (org.). **História das mulheres no Brasil.** 10. ed. São Paulo: Contexto, 2015. p. 401-442.

TORREZÃO, Guiomar. A cigana. **A Família: jornal litterario dedicado a educação da mãe de família.** São Paulo, ano 1, n. 15, p. 6. 9 mar. 1889. Disponível em: <[http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano 188&pesq;=>](http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=379034&pasta=ano%20188&pesq;=>)>. Acesso em: 11 fev. 2017.

TREDO. In: MICHAELIS: dicionário brasileiro da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 2017. Disponível em: <<http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=tredo>>. Acesso em: 25 fev. 2017

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reinvindicação dos direitos da mulher.** São Paulo: Boitempo, 2016. 254 p.

WOOLF, Virginia. **Profissões para mulheres e outros artigos feministas.** Porto Alegre: L&PM, 2016. 112 p.